



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do programa Petrobrás - Fome Zero

Palácio do Planalto, 1º de setembro de 2003

Companheiro e amigo José Alencar, vice-presidente da República,
Minhas caras companheiras Marisa Letícia e Mariza Gomes da Silva,
Nossa querida companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,
Meu caro Graziano, ministro Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome,

Meu caro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobrás,
Meus companheiros e companheiras ministros e ministras aqui presentes,
Deputados e deputadas aqui presentes,
Diretores da Petrobrás,
Meu caro Rubens Naves, presidente da Fundação Abrinq pelos direitos da criança e do adolescente,
Meus companheiros funcionários da Petrobrás,
Meu querido companheiro Wagner Tiso e sua esposa,

Meus companheiros e companheiras da Orquestra-Escola da Petrobrás. Meus parabéns! Vocês são a demonstração daquilo que eu tenho tentado falar durante todos os meus nove meses de governo, ou seja, o que as pessoas precisam é de uma oportunidade. Dêem uma oportunidade, que nós faremos inveja a qualquer orquestra, de qualquer parte do mundo. Essa oportunidade que a Petrobrás deu para vocês, não larguem. Não permitam que, por alguma razão, vocês deixem de transformar esse sonho de vocês em realidade.

José Eduardo, eu estava vendo aquela inauguração que vocês fizeram, numa cidade do Rio Grande do Norte, e estava lembrando que, em 1993, eu fiz uma caravana pelo Nordeste brasileiro. Se eu não me engano, foi na cidade de Mossoró,



e naquela ocasião, eu fiquei perplexo, porque eu visitei a Petrobrás lá na região, acho que almocei, inclusive, na Petrobrás, e os técnicos me contavam que – me parece que foi em Mossoró – eles tinham perfurado um poço e tinham encontrado uma vazão de água de 300 mil litros por hora. E que eles, na época, tinham pedido ao governador que, se ele comprasse uma bomba, a Petrobrás a instalaria de graça, sem cobrar nada. Como o governador não comprou a bomba, a Petrobrás teve que tamponar o poço e essa água não serviu à população local.

No dia em que vocês reabrirem esse poço, aí eu quero ter o prazer de estar lá para apertar um botão. Porque o que vocês fizeram, hoje, foi uma demonstração de que as soluções para os graves problemas brasileiros são simples. Como diz o José Alencar, as coisas difíceis são muito complicadas e, muitas vezes, a gente não consegue fazer. É impensável, para qualquer cidadão do planeta Terra, uma empresa perfurar um poço numa região semi-árida, numa região onde a água vale mais do que o petróleo, do que o ouro, e, ao não encontrar petróleo, encontrar água, por falta de disposição, tomar-se a decisão de tamponar o poço, e o povo que sofra.

Eu acho que essa atitude da Petrobrás, de correr atrás do prejuízo, é uma atitude que merece, da minha parte, do governo, todos os elogios que alguém puder fazer a uma empresa. A Petrobrás não é apenas uma empresa do ponto de vista técnico, do ponto de vista da tecnologia campeã, eu acho que, numa ação com essa, a Petrobrás pode mostrar que é plenamente possível ter o lucro extraordinário que ela teve e fazer política social do tamanho da sua grandiosidade. Eu quero então, José, lhe dar os parabéns, dar parabéns à diretoria da Petrobrás, dar parabéns aos funcionários. Deus queira que vocês continuem encontrando muito petróleo, mas se por acaso não encontrarem e encontrarem água, pelo amor de Deus, para o nordestino do semi-árido, água vale mais do que petróleo, podem ficar certos disso.

Eu acho que esse gesto de vocês é de uma grandeza extraordinária, e, possivelmente, alguém que não tenha passado por um problema de seca, ou não saiba o que é seca, não dê a menor importância.



Possivelmente as pessoas nem liguem porque, quem nunca sofreu com a seca, não sabe o que é seca, não sabe o valor de um pingo d'água, mesmo que seja pouquinho, jorrando perto da sua casa.

Eu acho esse gesto de vocês extraordinário e quero dizer que eu continuo acreditando numa coisa que norteia a minha vida há muitos anos – aqui, inclusive, tem companheiros sindicalistas que conviveram comigo, pelo menos nos últimos 30 anos –: eu sempre disse que não é possível, a nenhum governo, resolver todos os problemas de uma nação se ele não tiver habilidade política de envolver a sociedade para fazer aquilo que, normalmente, o Estado não tem condições de fazer.

Criou-se no Brasil a idéia de que o Estado pode tudo, e nós queremos provar que o Estado pode menos do que as pessoas imaginam, mas que o poder de indução do Estado é tão grande, que se o Estado fizer a política correta de envolvimento da sociedade, eu não tenho dúvida nenhuma de que a gente consiga fazer o milagre de acabar com a fome neste país.

Eu fico imaginando quantas empresas poderiam seguir o exemplo da Petrobrás, fazendo outras coisas. Eu, esta semana, recebi uma empresa – você não estava presente, Oded –, mas a empresa vai inaugurar 27 restaurantes populares, um em cada capital do Brasil, servindo no restaurante a comida que ela serve para os seus funcionários, nas suas fábricas.

Se pegarmos um exemplo como esse, e o exemplo da Petrobrás, imaginem vocês quantas vezes a gente pode multiplicar os poucos recursos de que o Estado dispõe. É por isso que eu tenho dito: nós não temos o direito de ficar reclamando, vou repetir mais uma vez, nós não temos o direito de ficar reclamando o dinheiro que nós não temos; nós temos que fazer como faz uma dona de casa ou um casal quando no final do mês, recebe menos do que precisava, às vezes menos do que merecia, e com aquele dinheiro eles decidem fazer a sua família sobreviver.

Nós temos pouco, mas temos que colocar a nossa criatividade acima dos recursos que temos, envolvendo a sociedade, para que tenhamos na sociedade a boa cumplicidade para fazer a boa política pública.



Eu quero terminar dizendo ao companheiro José Eduardo Dutra que a Petrobrás pode fazer, no campo social, o mesmo sucesso que ela fez no campo da prospecção e do refino de petróleo.

Primeiro, porque poucas empresas no mundo têm a quantidade de gente qualificada profissionalmente como a Petrobrás; segundo, porque grande parte desses técnicos são pessoas que trabalham na Petrobrás não só por dinheiro – se bem que o salário é bom –, mas porque têm uma coisa superior, que é uma espécie de paixão por uma coisa que aconteceu cinquenta anos atrás no nosso país.

Eu não tenho dúvida de que aqueles que, em algum momento, acham que nós não vamos conseguir acabar com a fome no Brasil, não sabem que vão ter, daqui a alguns anos, que dizer em alto e bom som: eles conseguiram fazer, com pouco dinheiro, aquilo que outros não conseguiram fazer com muito dinheiro.

Meus parabéns e boa sorte a todos nós!

/rss/cms